

CARACTERÍSTICAS, IMPORTÂNCIA E DESAFIOS DA AGRICULTURA FAMILIAR NO HAITI: Uma Análise de Fond'oues – Léogâne – Haiti

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2023.59.12051>

Submetido em: 15/2/2021

Aceito em: 5/4/2023

Isaac Dor¹, Valdemar João Wesz Junior²

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar as características socioeconômicas, a importância e os desafios atuais da agricultura familiar no Haiti, aprofundando a análise na seção comunal de Fond'oues, município de Léogâne. Para a elaboração do trabalho foi utilizada revisão bibliográfica, análise de dados secundários e aplicação de questionário a 20 famílias de agricultores de Fond'oues, selecionados aleatoriamente. Os resultados deste estudo mostram que a agricultura familiar haitiana, apesar de ser um segmento estratégico para alcançar a estabilidade social, a segurança alimentar e o crescimento econômico, tem enfrentado historicamente restrições que limitam o seu potencial e a sua importância. Isso também pode ser visto em Fond'oues, dado que os agricultores enfrentam vários desafios, como a carência de serviços básicos, baixa escolaridade, vulnerabilidade econômica, ausência de políticas agrícolas efetivas e integrais, catástrofes ambientais, entre outros. Este grupo enfrenta dificuldades tão profundas e enraizadas que a sua importância e a relevância acabam sendo enfraquecidas.

Palavras-chave: agricultura familiar; desenvolvimento rural; Fond'oues; Haiti.

CHARACTERISTICS, IMPORTANCE AND CHALLENGES OF FAMILY FARM IN HAITI: AN ANALYSIS OF FOND'OUES – LÉOGÂNE - HAITI

ABSTRACT

The objective of this research is to present the socioeconomic characteristics, importance and current challenges of family farming in Haiti, deepening the analysis in the communal section of Fond'oues, municipality of Léogâne. For the elaboration of the paper, it was used bibliographic review, analysis of secondary data and application of a questionnaire with 20 randomly selected farmers from Fond'oues. The results of this study show that Haitian family farming, despite being a strategic segment to achieve social stability, food security and economic growth, has historically faced restrictions that limit its potential and importance. This can also be seen in Fond'oues, given that farmers face several challenges, such as the lack of basic services, low education, economic vulnerability, lack of effective and comprehensive agricultural policies, environmental catastrophes, among others. This group faces difficulties so deep and rooted that their importance and relevance end up being weakened.

Keywords: Family farm; rural development; Fond'oues; Haiti.

¹ Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). Foz do Iguaçu/PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/9701867064648235>. <https://orcid.org/0009-0007-3520-0239>

² Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). Foz do Iguaçu/PR, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/5218456431756627>. <https://orcid.org/0000-0002-8154-7088>

INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos 20 anos os estudos sobre a agricultura familiar cresceram exponencialmente. Além de ser o grupo social majoritário entre as unidades produtivas do meio rural latino-americano, tem se reconhecido o seu papel na promoção do desenvolvimento rural, na superação da pobreza e na produção de alimentos mais saudáveis e sustentáveis (Carmagnani, 2008; Maletta, 2011; Salcedo; Guzmán, 2014; Castro, 2016; Schneider, 2016). E há um consenso de que os agricultores familiares “terão um papel central a cumprir no alcance dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, lançados em 2015 pela Organização das Nações Unidas” (Schneider, 2016, p. 12).

Ainda que existam várias definições de agricultura familiar, predomina a ideia de que são pequenas explorações agropecuárias que dependem da gestão e do trabalho familiar (Maletta, 2011; Salcedo; Guzmán, 2014). E, dentro desses critérios, há uma grande diversidade e heterogeneidade de situações (Leporati, 2014; Paz; Jara, 2014; Schneider; Cassol, 2014). Para ficar em dois extremos, integram esse grupo tanto agricultores capitalizados, inseridos em cadeias globais de *commodities* e com elevada eficiência produtiva, tecnológica e gerencial, quanto agricultores empobrecidos, com pouca área, com produção destinada quase que exclusivamente para o autoconsumo e que estão completamente alijados das políticas de desenvolvimento rural.

Se, em algumas localidades, essas situações são encontradas simultaneamente e ambas integram a vida social do lugar, em outras comunidades pode predominar um ou outro grupo com maior similaridade. E, embora os estudos sobre as características, a importância e os desafios da agricultura familiar tenham se ampliado em vários países da América Latina e Caribe (França, Del Grossi; Marques, 2009; Berdegué; Rojas, 2014; Eyzaguirre, 2015; Eguren; Pintado, 2015; Acevedo Osorio; Martínez Collazos, 2016; Riquelme, 2016), a sua situação no Haiti não tem ganhado muita visibilidade na literatura lusófona.

Deste modo, o objetivo geral desta pesquisa é apresentar as características socioeconômicas, a importância e os desafios atuais da agricultura familiar no Haiti, aprofundando a análise em Fond’oies – Léogâne. Nesse sentido, além de compreender os principais traços nacionais, optou-se por focar em uma localidade em específico para detalhar e aprofundar o tema. A escolha de Fond’oies deve-se à predominância de pequenas explorações agropecuárias, a relevante produção agropecuária para abastecimento regional e a presença de contatos prévios com atores sociais da localidade.

Esta pesquisa está baseada em uma revisão bibliográfica no tema das transformações rurais e da agricultura familiar no Haiti. Também foram analisados dados secundários disponibilizados por vários órgãos oficiais, como Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), Banco Mundial, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), Ministério da Agricultura, Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural (MARNDR), Instituto Haitiano de Estatística e Informática (IHSI), entre outros. Além disso, foi aplicado no mês de maio de 2018 um questionário de 70 perguntas semiabertas a 20 famílias de agricultores de Fond’oies, selecionadas aleatoriamente. O questionário foi aplicado na língua *créole haitien*. Havia a intenção de ampliar o número de questionários, mas não foi possível pela limitação de recursos e de tempo.

Além da Introdução e das Considerações Finais, este trabalho está estruturado em três partes. Inicialmente há um breve panorama do Haiti e das principais transformações no seu espaço rural da colonização até a situação atual. Em seguida o foco é a agricultura familiar no país, trazendo uma caracterização e definição, além de comentar sobre a sua importância e desafios. Para finalizar apresenta-se os resultados da atividade de campo com 20 agricultores de Fond'oies – Léogâne, evidenciando os principais traços das explorações agropecuárias dos entrevistados, além dos desafios e perspectivas da agricultura e do espaço rural na localidade.

BREVE APRESENTAÇÃO DO HAITI E DAS TRANSFORMAÇÕES NO SEU ESPAÇO RURAL

A República do Haiti está localizada na região do Caribe, sendo uma ilha entre as grandes Antilhas. A ilha Espanhola (ou ilha de São Domingos, Hispaniola ou do Haiti) é compartilhada por dois países (República Dominicana na parte leste e República do Haiti a oeste), destacando-se que essa divisão ocorreu em 1697 devido à disputa geopolítica entre França e Espanha. Conforme dados do MARNDR (2011b), o território haitiano estende-se sobre uma área de 27.750 Km², sendo predominantemente montanhosa, com mais da metade da terra com declives superiores a 40% e planícies ocupando apenas 20% de sua área total. A população do Haiti é estimada em 11,4 milhões habitantes (em 2019), predominantemente jovem (50% têm menos de 21 anos) e com uma distribuição similar entre as áreas urbanas (51,9%) e rurais (48,1%) (IHSI, 2019). Em termos econômicos, a agropecuária contribui com 19,5% do Produto Interno Bruto (PIB) do país,³ enquanto gera 41,5% dos empregos (Banco Mundial, 2020).

No índice de desenvolvimento humano do Pnud (2015), o Haiti está na 163ª posição sobre um total de 188 países em 2014, a pior posição do continente. Além disso, é considerado o país mais pobre da América Latina e do Caribe, observando-se que o Fida (2013) estima que 77% da população vive abaixo da linha de pobreza, ou seja, vive com um valor de até US\$ 2,00 pessoa/dia, e 55% estaria na extrema pobreza, o que equivale a US\$ 1,25 pessoa/dia. Na população rural esse percentual é ainda maior, com 90% dessa população abaixo da linha da pobreza, sendo que 67% encontra-se em extrema pobreza.

Em relação à distribuição da riqueza no país, a desigualdade socioeconômica é muito grande, dado que algumas poucas famílias (2% da população) controlam 26% da riqueza nacional, enquanto a população mais pobre (40%) tem acesso a menos de 6% da renda do país (Fida, 2008). O país também enfrenta uma elevada insegurança alimentar, que atinge 38% da população, sendo ainda maior na população rural (42%) em comparação com Porto Príncipe, a capital do país (33%), e com outras áreas urbanas (29%). Além do mais, cerca de 30% das crianças sofrem de má nutrição crônica e 50% das mulheres estão anêmicas (Fida, 2013). São características históricas que ficam ainda mais evidentes e intensas com os desastres naturais que assolam o país, como o terremoto de 2010.

³ Conforme Paul, Daméus e Garrabe (2010), nos anos 1800 a atividade agrícola representava quase 95% do PIB do Haiti, considerada a base econômica do país. Ao longo das décadas, contudo, a agricultura foi perdendo peso, representando 44% do PIB na metade do século 20, 28% em 1988 e 24% em 2009.

As áreas rurais e as atividades agropecuárias passaram por transformações de grande envergadura no Haiti. Chama a atenção, por exemplo, que no século 18 o país era conhecido como a “Pérola das Antilhas”, a mais rica das colônias francesas e o maior produtor de açúcar e de café, que sozinho abasteceu um terço do comércio exterior da França e que foi objeto de desejo de muitos jovens das famílias nobres ou burguesas do oeste da França, que migravam na busca de fortuna (Blancpain, 1933 *apud* Barthélémy, 2003).

Para o historiador Saint Méry (1797), entre todas as colônias que a França possuiu no novo mundo, a parte francesa da ilha de São Domingos foi a mais importante pelas riquezas que forneceu à metrópole e pela influência que tinha sobre a agricultura e sobre o seu comércio. No final do século 18 havia na colônia 793 manufaturas de açúcar, 3.150 plantações de índigo, 3.177 plantações de café, 26 empresas de tijolos e telhas, 112 destilarias para produção de rum, 6 curtumes, 370 fornos de cal, 29 empresas de cerâmica e 50 plantações de cacau. Além disso, havia uma grande quantidade de animais e uma forte produção para o abastecimento local.

A independência do Haiti em 1804 – a primeira da América Latina e do Caribe, derivada de uma revolta de escravos bem-sucedida – procurou romper com o controle da França no jovem país. E uma das iniciativas seria a reforma agrária, na tentativa de promover a redução das desigualdades sociais derivadas da sociedade escravocrata. Na perspectiva das elites locais, contudo, constituídas pelos filhos dos ex-colonizadores, a reforma agrária era considerada um afrontamento e provocou muitas resistências, mesmo depois da independência, uma vez que as famílias descendentes de franceses eram detentoras das grandes propriedades fundiárias e de elevado poder político (Barthélémy, 2003; Larose; Voltaire, 1984; Vliet *et al.*, 2016). E, com o assassinato de Dessalines, chefe do novo governo haitiano, a nação mergulha em profunda crise, e a agricultura haitiana permanece com elevada desigualdade. Ao longo do século 19 o Haiti seguiu com a produção e venda de produtos primários (açúcar, algodão, sisal, café, etc.) e a terra permaneceu concentrada na oligarquia, os chamados *propriétaires fonciers* (Larose; Voltaire, 1984; Vliet *et al.*, 2016).

De acordo com Bellegarde (1929 [2013]), o século 20 é marcado pela ocupação americana no Haiti, que perdurou de 1915 a 1934. Além das repercussões socioeconômicas, políticas e culturais, esse período também provocou profundos impactos no espaço rural. Segundo o autor, só nos quatros primeiros anos dessa ocupação 3.500 agricultores haitianos foram massacrados e a situação da pobreza se intensifica, além de que a produção e a exportação de produtos agrícolas não foram ampliadas no período. Ainda nesse contexto,

el Estado no poseía grandes extensiones de tierras que le permitieran alquilar miles de hectáreas en una misma región para el uso exclusivo de sólo dos compañías [norteamericanas], por lo que se asume que, de manera deshumanizada, muchos pequeños campesinos fueron despojados de sus tierras hasta reunir 8.000 hectáreas en la región norte del país y entregárselas a las compañías norteamericanas [SHADA – Sociedad Haitiano-Americano de Desarrollo Agrícola; HASCO – Caldos Sugar Company Hatiano Americano] (Mervil, 2014, p. 8).

Se, por um lado, a ocupação americana não contribuiu para o desenvolvimento do setor agrícola haitiano (Joint, 2008), a situação torna-se ainda mais complexa com a ditadura militar no país, que perpassou entre as décadas de 60 e 80 do século 20, como é descrita por Mervil (2014, p. 9):

la condición de la población rural sigue empeorando, ya que es precisamente en el transcurso de su régimen que los agricultores haitianos van a sufrir la segunda peor tragedia de su historia, sucediendo a la primera ocasionada por la ocupación americana ya mencionado anteriormente. Con el pretexto de la enfermedad porcina africana ocurrida en el 1978, el régimen del “baby Doc”, respondiendo a la exigencia del Gobierno de los Estados Unidos, como supuesta condición de apoyo a su dictadura, procedió al sacrificio de todos los puercos criollos que simbolizaban la cuenta bancaria de los campesinos. Es así que como los 90% de los casos la crianza de los puercos criollos de alta natalidad, que con su venta contribuyen a nutrir a la familia, educando a sus hijos y responden a otras necesidades. No bastó para ello de sacrificar a los puercos criollos sino el gobierno tomó otras medidas radicales como fue: desposesión de las tierras, generando mayor empobrecimiento de los ocupantes rurales e incentivando el éxodo rural-urbano.

Logo após a queda da ditadura (1986), porém, o país mergulhou numa instabilidade política prolongada, que atingiu de maneira catastrófica todos os setores da economia do país, particularmente a agricultura. Nas palavras de Beaucejour (2016), os agricultores haitianos foram “deixados sozinhos”, sem a presença de políticas públicas para o setor.

A falta de apoio dos governos ao setor agropecuário repercutiu na redução da cobertura florestal e na degradação ambiental, dado que o corte das matas para a produção de carvão (particularmente) e lenha, além de representar a principal fonte de energia (75%) do país, também se consolidou como uma das principais atividades de renda para muitas famílias nas áreas rurais (Pnuma/Unep, 2013).

Atualmente, segundo o Censo Agropecuário de 2008/2009, a estrutura fundiária do Haiti é caracterizada pelo pequeno tamanho das explorações agrícolas, que têm em média 1,8 hectare,⁴ predominantemente cultivadas pelos agricultores em conjunto com a família. A intensa fragmentação das áreas está diretamente ligada à herança, uma vez que o artigo 592 do Código Civil haitiano afirma que os bens devem dividir-se igualmente entre os filhos da família com o falecimento dos pais. Outro fator que complexifica o tema fundiário haitiano é que muitas transações são feitas de maneira informal e também muitas terras são de proprietários desconhecidos, embora possam ser utilizadas por terceiros (MARNDR, 2011b).

O Censo Agropecuário de 2008/2009 contabilizou um total de 1.018.951 explorações no Haiti. Em relação às propriedades, predominam cinco formas de posse de terra: aquisição na forma de compra (52,8% do total), herança (26,5%), doação (12,1%), obtenção de maneira coletiva (3,1%) e terra pertencente ao Estado (2,1%). Segundo esta mesma fonte, 74,3% das unidades de produção são conduzidas por homens e o restante por mulheres, e em ambos os casos a faixa etária predominante é de 35 a 55 anos. Outro ponto que merece destaque é a instrução dos agricultores, uma vez que 52,3% do total nacional não sabem ler nem escrever. No oposto, aqueles que têm estudo universitário representam apenas 0,6% do total e somente 2,5% recebeu uma formação específica no tema agropecuário (MARNDR, 2011b).

Atualmente, entre as principais atividades agrícolas, destacam-se arroz, feijão, banana, café, manga, cana-de-açúcar, milho, cacau, batata e sorgo. Na pecuária, são frequentes suínos, bovinos, caprinos, equinos e aves, além da presença da pesca e aquicultura (peixes, camarões,

⁴ É importante mencionar que a unidade de medida de área mais conhecida pelos haitianos é o *carreaux*, com as letras Cx (um Cx equivale a 12.900 m² ou 1,29 ha), mas também tem o *centième* (equivale a 129 m²), usada pelos produtores que detêm áreas ainda menores.

conchas, caranguejos, etc.). Apesar de ocorrer a exportação de alguns produtos (açúcar, banana, manga, milho e batata-doce), praticamente a metade do abastecimento alimentar do país provém de importações privadas, sobretudo dos Estados Unidos e República Dominicana (Jean *et al.*, 2007; MARNDR, 2011b). A produção nacional representa em média 43% da oferta de alimentos, enquanto a ajuda alimentar em torno de 6%. A título de comparação, em 1981 a participação das importações na disponibilidade de alimentos do Haiti não atingia 19% (MARNDR, 2011b), indicando a preocupante situação do país em relação à autossuficiência e à segurança e soberania alimentar.

A partir deste sucinto apanhado, pode-se afirmar que o espaço rural haitiano tem passado por importantes transformações ao longo dos séculos. Embora continue sendo a residência da metade da população do Haiti, enfrenta a elevada pobreza e a permanência da insegurança alimentar, em patamares muito superiores à média regional. E a agricultura, atualmente, é marcada por dois contrastes: “por um lado, é caracterizado como um setor atrasado do ponto de vista socioeconômico e tecnológico e, por outro lado, tem um papel fundamental para a produção dos principais produtos alimentares básicos, por ser uma produção agrícola de subsistência” (Pierre, 2019, p. 137).

AGRICULTURA FAMILIAR NO HAITI

De acordo com Daméus e François (2017), a agricultura familiar tem desempenhando um papel muito importante no abastecimento alimentar da população mundial, contribuindo positivamente na luta contra a pobreza e insegurança alimentar das comunidades rurais. Segundo a FAO (2014), a agricultura familiar produz cerca de 80% de alimentos no mundo. E, entre as 570 milhões de explorações agrícolas estimadas por esse órgão, 500 milhões são de agricultura familiar. E 2014 foi declarado pela FAO como Ano Internacional da Agricultura Familiar.

O conceito “agricultura familiar”, conforme Altafin (2007, p. 1), não é propriamente novo, porém seu uso recente, com ampla penetração nos meios acadêmicos, nas políticas de governos e nos movimentos sociais, adquire novas significações. Daméus e François (2017), a partir de pesquisas acadêmicas e da consulta a documentos estatais e de Organizações Não Governamentais (ONGs), identificam mais de 36 definições para a expressão “agricultura familiar”. Entre essas, observa-se como características fundamentais a mão de obra familiar, o reduzido tamanho das explorações agrícolas e o acesso limitado aos recursos financeiros e fundiários. É nesse contexto que Salcedo e Guzmán (2014) afirmam que as definições da agricultura familiar são diferentes, mas têm elementos comuns. De fato, nem todos os países da América Latina e do Caribe adotam a mesma definição.

Ao contrário de outros países, no Haiti o termo agricultor familiar é usado quase que exclusivamente entre os pesquisadores e pelo Estado, enquanto as populações rurais não fazem uso dele no seu cotidiano, mesmo que algumas se reconheçam em tal categoria. O Haiti possui dois idiomas oficiais – o crioulo haitiano e o francês – mas é pouco frequente o uso do francês no dia a dia, sobretudo nas áreas rurais, onde a maioria das pessoas tem baixa escolaridade. Nesse contexto, os termos *agriculteur familiale* e *agriculture familiale* (agricultor familiar e agricultura familiar) são considerados tipicamente franceses. Por isso, são as pessoas que têm maior escolaridade as que fazem maior uso destes termos no Haiti. A denominação que as populações rurais usam corriqueiramente é *paysan*, que é o sinônimo de agricultor ou camponês. Para a realidade haitiana, *paysan* designa uma pessoa que nasceu/vive no campo e seu modo de vida depende das atividades agropecuárias.

Não obstante, no caso do Haiti, a agricultura é do tipo familiar, pois as atividades agropecuárias, de maneira geral, são administradas pela família, que é quem trabalha na unidade produtiva. Além disso, predomina uma agricultura de subsistência e grande parte dos estabelecimentos têm menos de 1,8 hectare. Nesse sentido, conecta-se diretamente com as definições predominantes de agricultura familiar, que são aquelas marcadas por pequenas explorações agropecuárias assentadas no trabalho e na gestão familiar (Salcedo; Guzmán, 2014; Schneider, 2016). Segundo Bertrand (2014), a produção agrícola haitiana é principalmente fornecida pelas explorações familiares, que representariam em torno de 90% das unidades produtivas e 80% da superfície agrícola. E, de acordo com a FAO (2014) e com o MARNDR (2011b), este público é chave tanto para garantir a segurança alimentar e nutricional como para a recuperação econômica e a estabilidade social do país.

Considerando os elementos pontuados até aqui, pode-se dizer que o *paysan* no Haiti corresponde ao que tem sido chamado e reconhecido atualmente, em plano internacional, como agricultor familiar. Além disso, a agricultura familiar é o principal grupo socioeconômico e político presente nas áreas rurais do país. Ao contrário ao Brasil, porém, a agricultura familiar haitiana não está baseada numa lei específica nem tem critérios claros que a define.

Apesar da importância do agricultor familiar haitiano, ele é visto como alguém que está lutando para manter a sua própria sobrevivência, constituindo um público negligenciado pelos governos, em suas diferentes escalas. E, socialmente, os *paysans* seguem sendo malvistas por quem vive nas cidades, sobretudo pelo seu modo de vida, pela baixa escolaridade e pela carência de serviços básicos, que é menor que no meio urbano. Diante do preconceito e da vulnerabilidade socioeconômica, muitos agricultores desejam deixar sua vida no campo e a atividade agrícola para irem morar na cidade. Isso intensifica o fenômeno do êxodo rural, muito expressivo no Haiti, quando os jovens acabam por preferir buscar empregos ou fazer trabalhos informais no meio urbano em vez de seguir a mesma profissão dos seus pais. Este é um grande desafio em relação à sucessão familiar da agricultura do país, como veremos no próximo item.

A agricultura familiar haitiana também sofre sérias consequências causadas pela política neoliberal assumida pelo país, que provocou o declínio da produção agrícola, a queda das exportações, a explosão das importações alimentares e a diminuição dos investimentos públicos no setor e de assistência técnica, que se reflete em uma baixa na produtividade e na renda agrícola, que muitas vezes tem dificuldade de atender às necessidades de suas famílias a partir da produção agropecuária (MARNDR, 2011b). Além disso, enfrenta a falta de insumos agropecuários de qualidade (sementes, fertilizantes e defensivos) e de políticas públicas de crédito rural, acesso à terra, assistência técnica, mercado, preço, etc. (Beaucejour, 2016).

A gestão dos recursos naturais também é outro desafio, dado que muitas famílias rurais garantem sua sobrevivência por meio da transformação da vegetação nativa em carvão vegetal e lenha. Isso fez com que cerca de 85% das bacias hidrográficas ficassem degradadas, ocasionando frequentes inundações e um esgotamento ou desaparecimento dos fatores básicos da produção agrícola (Pnuma/Unep, 2013). A cobertura florestal do país também sofre com a pressão demográfica, que vem sendo agravada pela crise socioeconômica e política do Haiti. Isso faz com que, cada vez mais, áreas com menor aptidão para as atividades agropecuárias sejam usadas para tal fim, sobretudo nas regiões de montanha e com elevado risco ambiental. Além da busca de novas áreas para produção de alimentos, também estão intensificando a atividade naquelas já em uso, deixando de realizar algumas práticas agrícolas importantes, como *jachère* (período de repouso pós-colheita), o que intensifica as perdas anuais de solos por erosão (Bellande, 2010).

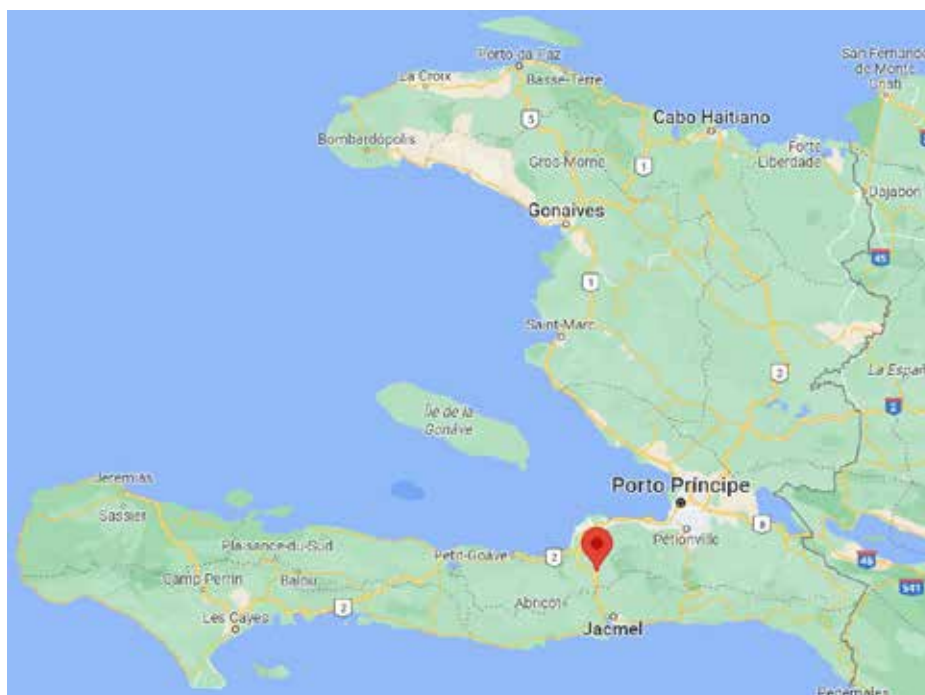
Temple *et al.* (2013) sintetizam os dois principais desafios da agricultura haitiana: melhorar sua contribuição para a segurança alimentar, em particular gerando renda para combater a pobreza, e colaborar para o planejamento sustentável do uso da terra. A FAO (2014) afirma que, apesar dessas restrições que persistem e limitam o seu desenvolvimento, a agricultura familiar continua sendo um setor estratégico que pode contribuir para garantir a estabilidade social, melhorar a segurança alimentar e aumentar o crescimento econômico do Haiti. E, no próximo item, vamos descer a escala de análise, focando nas características, importância e desafios da agricultura familiar em Fond'oirs.

AGRICULTURA FAMILIAR EM FOND'OIRES - LÉOGÂNE

O Haiti está subdividido administrativamente em departamentos, nos quais estão os distritos, que se ramificam em comunas ou municípios, que se subdividem em seções comunais e estas em bairros. O município de Léogâne é composto de 13 seções comunais, com Fond'oirs sendo a 10ª (IHSI, 2019). Localizada a uma distância de 18 km da sede (APF, 2018), essa seção comunal é considerada, localmente, uma importante região na produção agropecuária devido à diversidade de cultivos e criações.

Fond'oirs está situado entre o sudoeste e o sudeste do país (Figura 1), sendo uma região marcada por um relevo acidentado e com solos predominantemente férteis. A seção comunal possui um clima fresco, com chuvas irregulares e mal distribuídas. A pluviometria anual está entre 800 e 1.200 mm, intercalando-se períodos chuvosos (março-maio e agosto-novembro) e secos (junho-julho e dezembro-fevereiro). Fond'oirs é um local em que as catástrofes naturais têm causado elevado impacto ao longo das décadas, sendo atingida por epidemias, ciclones, terremotos e estiagem (APF, 2018).

Figura 1 – Localização de Fond'oirs no Haiti



Fonte: Google Maps (2020).

De acordo com APF (2018), Fond'oies possui uma superfície de 35,4 Km², e sua população é estimada em 12.500 habitantes, com cerca de 2.000 famílias, observando-se que mais de 80% dessa população é agricultora. As principais produções agrícolas encontradas em Fond'oies são: amendoim, milho, batata-doce, mandioca, tomate, café, banana e feijões (em particular feijão guandu). Entre os diferentes cultivos citados, é importante mencionar que o cultivo da batata-doce está entre aqueles com maior contribuição para a renda dos agricultores da região (APF, 2018). Outra atividade é o corte das árvores para a produção de carvão para fins comerciais, o que tem comprometido significativamente a cobertura vegetal nativa da região.

A partir dos dados obtidos com a aplicação do questionário às 20 famílias de agricultores de Fond'oies, pode-se informar que a idade média dos entrevistados é de 53,5 anos, tendo 77 anos o mais velho e 35 anos o mais novo. Em termos do estado civil, a maioria deles é casada ou está vivendo uma união estável (17 dos 20 entrevistados), além de 3 viúvos. Em média, as famílias têm 4,1 filhos e moram na propriedade 5,5 pessoas. A maioria dos entrevistados possui um nível baixo de escolaridade, com 9 não tendo estudado (analfabetos), 1 com Ensino Médio incompleto, 2 com Ensino Fundamental completo, 3 com Ensino Fundamental incompleto e 5 concluíram o Ensino Médio. Como 50% dos entrevistados têm mais de 50 anos de idade, isso ajuda a explicar essa baixa escolaridade, pois décadas atrás o acesso à educação era ainda mais difícil.

Em relação ao acesso a serviços básicos, nota-se uma grande carência na comunidade pesquisada. Quando perguntados sobre o acesso à água encanada, estrada com asfalto e energia elétrica nas propriedades, todos responderam que não têm. O acesso à água é via meios tradicionais, como rios, chuva e poços, tanto para o uso doméstico como para o abastecimento dos animais. Quando chega o período de seca, no entanto, eles enfrentam uma dificuldade maior, dado que muitas vezes precisam andar quilômetros em busca de água. E, para iluminar suas casas à noite, usam predominantemente lâmpadas de gás e velas, além de lâmpadas elétricas, carregadas via uma pequena bateria de painel solar. Também usam tochas, especialmente no manejo dos animais.

Como foi mencionado no item anterior, as propriedades agrícolas no Haiti possuem, predominantemente, uma área muito pequena, oriunda principalmente da herança, dado que a legislação obriga a distribuição equitativa de terra entre os filhos quando ocorre o falecimento dos pais. De fato, a área média dos 20 entrevistados é 1,26 hectare, destacando-se que o produtor "maior" tem 1,93 ha e o menor dispõe de apenas 0,32 ha. Por serem áreas pequenas, elas estão divididas em vários lotes agrícolas, também chamados de *jaden* (jardins), com média de 8 lotes por família (Tabela 1). Entre os 20 questionários, 18 declaram que possuem terras próprias, 10 possuem terras arrendadas e 3 trabalham em terras em parceria. Assim, mesmo quem tem terras próprias, é corriqueiro arrendar outras áreas para ampliar a superfície cultivada. Referente às formas de aquisição da terra, 5 falam que obtiveram via compra, 1 via doação, 4 de outra forma e 12 via herança (60% do total). Os entrevistados 5, 13 e 15 optaram por não responder esta questão (Tabela 1).

Tabela 1 – Número de lotes agrícolas, área total, condição das terras e sua forma de obtenção

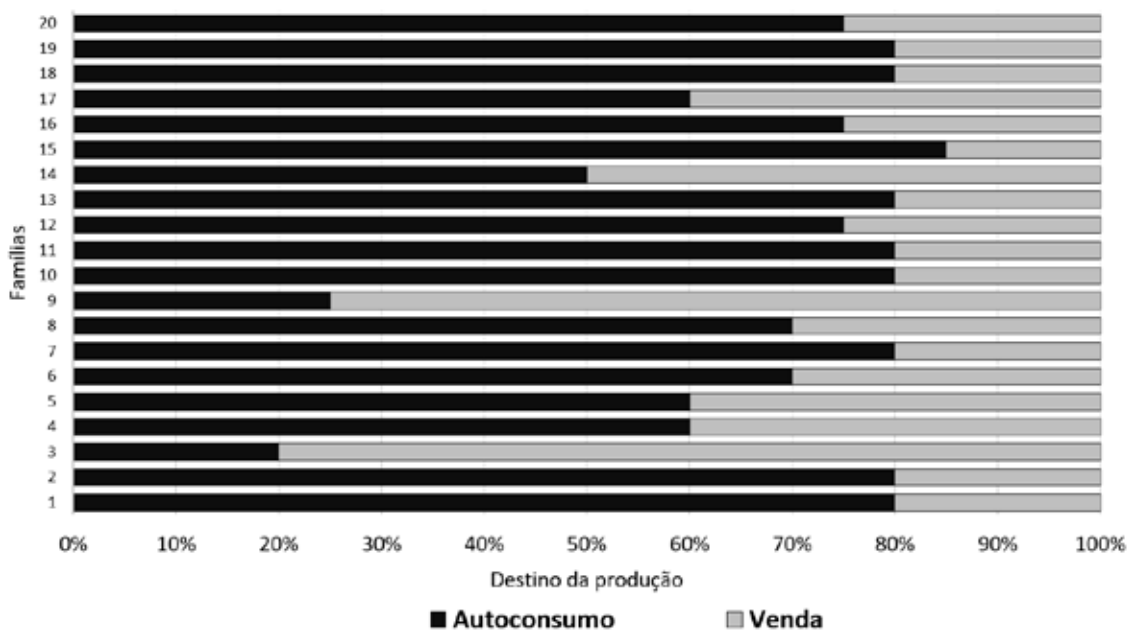
Famílias	Nº de lotes	Área total (ha)	Condição das terras			Obtenção das terras			
			Própria	Arrendada	Em parceria	Compra	Herança	Doação	Outra
1	8	0,32	X				X		
2	4	0,45	X	X	X	X			
3	4	0,64	X	X	X	X			
4	10	1,93	X				X		
5	6	0,78	X	X					
6	7	0,45	X	X				X	
7	8	0,96	X	X			X		
8	5	0,64	X				X		
9	6	1,93	X			X	X		
10	10	1,93	X				X		
11	6	1,29	X	X			X		
12	13	1,61	X	X			X		X
13	11	1,29	X	X					
14	8	1,55		X					X
15	12	1,93	X	X					
16	5	0,77			X				X
17	10	1,93	X				X		
18	12	1,93	X			X	X		
19	7	1,29	X			X	X		
20	12	1,55	X				X		X
Média	8,2	1,3							

Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Entre os produtos agropecuários presentes nas unidades visitadas, todos cultivam batata, 19 têm feijão e milho e 18 plantam banana, mas também produzem café (6 entrevistados) e cana-de-açúcar e cacau (3 entrevistados). É necessário ressaltar que, além desses cultivos citados que têm maior importância comercial, muitos deles também produzem inhame, mandioca, sorgo, batata-cara, pimentão, repolho, pimenta, entre outros. A respeito da criação dos animais, 7 têm bovinos, 12 criam suínos, 13 dispõem de aves, 1 possui ovinos, 11 têm cabras e só 1 possui peixe.

Como ocorre tradicionalmente na agricultura familiar, os produtos têm dois destinos: o autoconsumo e a venda. Quando questionados sobre o percentual da sua produção agropecuária que segue para cada destino, as respostas apontam para o predomínio da produção para o autoconsumo (Figura 2). Em média 68% da produção segue para o autoconsumo e 32% para comercialização. No que se refere aos principais lugares de comercialização da produção agropecuária, todos falam que vendem diretamente aos consumidores. Entre os entrevistados, 17 deles considera que o preço recebido pela sua produção é regular, dois consideram bom e apenas 1 respondeu ruim. Dos 20, 13 dizem que fazem uso de adubação orgânica, 2 usam fertilizantes químicos e 5 não fazem uso de adubos. Em todos os casos a força de trabalho é manual.

Figura 2 – Destino da produção agropecuária das famílias entrevistadas



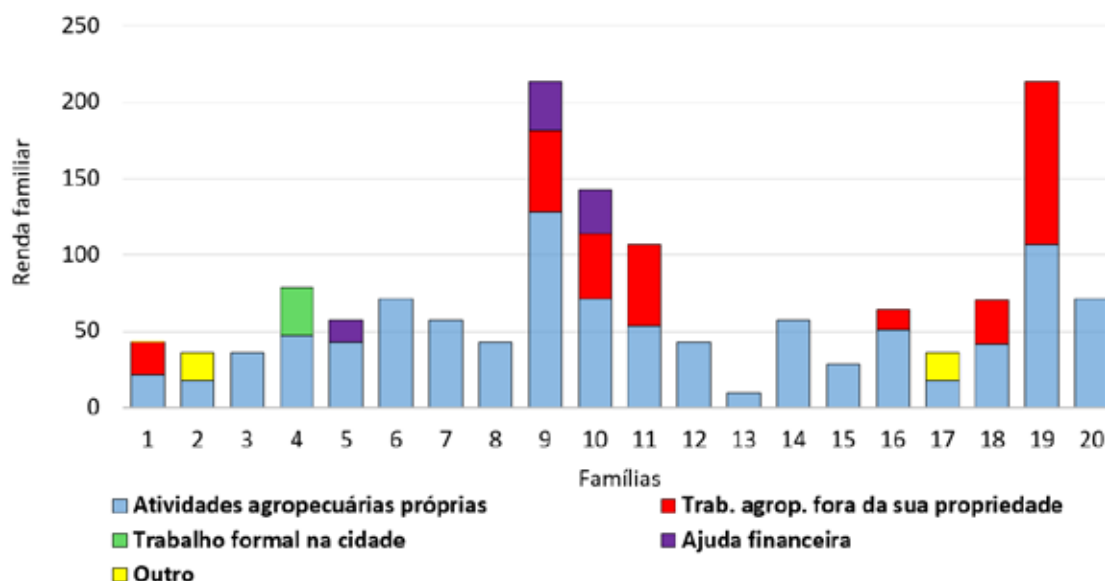
Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Considerando o acesso às políticas públicas para agropecuária, todos respondem que não dispõem de programas de crédito rural, assistência técnica, comercialização, preço, acesso à terra e aquisição de máquinas agrícolas. Em termos organizacionais, 19 falaram que não fazem parte de cooperativa e apenas 1 comenta que faz parte de *konbit* (termo em crioulo haitiano que designa um grupo de agricultores familiares que realizam mutirão comunitário para ajudar uns aos outros nas suas explorações agrícolas). Além disso, 2 mencionam que fazem parte de associações: um integra a *Association des Paysans de Fond'oues – APF (Asosiyasyon peyizan Fondwa*, em crioulo haitiano) e outro faz parte da *Association des Jeunes Intégrés pour le Développement – AJID* e da *Organisation Paysanne pour l'Avancement et le Développement de Léogâne – OPDAL*.

Em termos de renda, a média mensal familiar é de 73,83 dólares americanos em 2018,⁵ mas com grande variação entre as famílias (Figura 3). A menor renda é US\$ 9,97 e a maior é de US\$ 213,78. Para a realidade do Haiti, trata-se de uma renda muito baixa, pois o salário mínimo mensal para o setor agrícola é estimado em US\$ 100-120 (Le Moniteur, 2020), mas somente 4 famílias alcançam esse valor. Em relação à composição desta renda (Figura 3), 9 falam que 100% dela vem das atividades agropecuárias realizadas na sua propriedade rural. Os outros 11 entrevistados, ainda que tenham informado que pelo menos a metade da renda venha da unidade de produção, têm outras fontes de ingresso. Nesse caso, 7 comentaram que há pessoas da família que realizam o trabalho agropecuário na propriedade de terceiros. Também apareceram casos (3 dos 20 questionários) que afirmam que recebem ajuda financeira de familiares que moram em outros países. E, para completar, há famílias em que um integrante trabalha como professor, policial e em Organização Não Governamental. Assim, pode-se dizer que, em termos de renda, o que predomina é a renda da produção agropecuária, ainda que também ocorra o acesso a outras fontes entre as famílias entrevistadas (Figura 3).

⁵ Os valores foram convertidos de goud haitiano em dólares americanos, seguindo a cotação oficial.

Figura 3 – Composição da renda familiar mensal em 2018 (em US\$)



Fonte: Pesquisa de campo (2018).

Também foi solicitado aos entrevistados que avaliassem as condições de vida da sua família, tendo como opção de resposta: ótima, boa, regular, ruim, péssima. Do total, 16 entrevistados que afirmam que a condição de vida das suas famílias é regular, 2 falam que era boa e os outros 2 responderam ruim. Assim, predominam os casos que consideram a sua condição de vida familiar como intermediária, sem terem respondido as opções “ótima” ou “péssima”.

Em relação às percepções sobre a agricultura e o espaço rural em Fond’oies, uma primeira questão colocada aos entrevistados foi se, em relação à época em que seus pais trabalhavam na agricultura, como está a situação hoje. Todos falam que está pior no período atual e que nada melhorou. Para o grau de satisfação em relação às atividades agrícolas, 6 respondem que estão satisfeitos e 14 disseram que estão insatisfeitos. Em relação ao grau de satisfação com o espaço rural, as respostas são similares: 7 falam que estão satisfeitos e 13 insatisfeitos. Nenhum deles afirmou estar muito satisfeito. Sobre as perspectivas na agricultura, 3 respondem que veem futuro das famílias na atividade enquanto 17 responderam o oposto, ou seja, não têm expectativas no setor. Em relação à questão da sucessão familiar, 17 falaram que não gostariam que seus filhos seguissem como agricultores e 19 dizem que não existe algum membro da família que preveem que continuará a trabalhar nas suas propriedades depois que eles não puderem mais fazê-la.

Esse baixo grau de satisfação e de perspectivas dos agricultores na agricultura e no espaço rural deve-se a vários motivos. Um deles é a falta de serviços básicos, ainda que ele não seja o único ou principal. Todos dizem que, em relação à época em que seus pais trabalhavam na agricultura, atualmente a situação está pior, e na época de seus pais, eles também não dispunham de luz nas propriedades e havia falta de água na época de seca. Outro motivo é a baixa renda que dispõem com a atividade agropecuária. O que se percebeu no cruzamento dos dados é que os agricultores que têm maior renda também detêm maior grau de satisfação com a agricultura e com a área rural. Outros motivos são mais específicos à própria atividade, como a falta de tecnologias adaptadas e práticas agrícolas que propiciem maior rendimento, além de

apoio financeiro para custear essas melhorias. O setor público, entretanto, tem uma atuação muito limitada e os bancos privados praticamente não apoiam as áreas rurais devido aos riscos ligados à produção agrícola. Como afirma Beaucejour (2016), os agricultores haitianos não têm o apoio do Estado em termos de supervisão e de acompanhamento na produção agrícola e os bancos agrícolas são quase inexistentes no país, sobretudo nas localidades em que os pequenos produtores estão mais concentrados.

E, quando os entrevistados levantaram os principais desafios de ser agricultor em Fond'oies, eles destacam justamente as dificuldades no acesso à água para irrigação e para abastecer os animais na época da seca; falta de políticas de crédito agrícola; impossibilidade de acesso a sementes, ferramentas, máquinas agrícolas e fertilizantes; carência de assistência técnica qualificada. Em termos gerais, comentam que “não têm apoio dos governos”. E, entre as principais vantagens de ser agricultor em Fond'oies apontam: “os solos são muito férteis, é possível fazer várias produções na localidade”; “muitas colheitas são possíveis durante diferentes períodos”; “a região produz muitos alimentos”; “as terras são muito produtivas”; “Fond'oies tem muitos cultivos que as outras seções comunais, sobretudo nas planícies, não podem ter”; “o clima da região permite uma produção agrícola diversificada”; “todo o período do ano tem alimentos, o que ajuda a entrar dinheiro”; “vários cultivos são possíveis em uma estação só”.

Assim, mesmo com a sua insatisfação em relação à atividade agropecuária e ao espaço rural, todos os 20 entrevistados reconhecem a importância que a agricultura tem para o país. Para alguns, a agricultura “é a principal fonte de abastecimento de alimentos para toda a população”, “principal fonte de renda das pessoas que vivem no meio rural”, “é a única conta bancária dos cultivadores”. Para outros, as atividades agropecuárias são “as únicas gerenciadoras de emprego para os agricultores”, “motor da economia do país” e “os agricultores são o principal braço forte dessa economia nacional”.

São muitos os desafios, no entanto, que este público está enfrentando. Apesar da importância que atribuem à agricultura de base familiar, as necessidades e os desafios que eles enfrentam dificultam que estejam satisfeitos e que queiram permanecer na atividade e no campo, assim como não desejam que seus filhos sigam a profissão do agricultor. Devido a tudo isso, dos 20 entrevistados, todos falam que imaginam que daqui a dez anos a sua condição de vida será pior do que hoje, não tendo esperança de que a situação irá melhorar. São respostas que dimensionam o quão grandes são os desafios dos agricultores familiares de Fond'oies.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi apresentar as características socioeconômicas, a importância e os desafios atuais da agricultura familiar no Haiti, aprofundando a análise na seção comunal de Fond'oies, município de Léogâne. Para tanto, além de revisão bibliográfica e análise de dados secundários, foram coletados dados de 20 famílias agricultoras de Fond'oies.

A agricultura familiar tem, em âmbito mundial, uma contribuição importante em diferentes dimensões (econômica, social, cultural, ambiental, política e alimentar). Isso também pode ser visto no Haiti, ainda que os desafios que esse público enfrenta ganhem mais evidência atualmente, com destaque para a carência de serviços básicos, baixa escolaridade, vulnerabi-

lidade econômica, êxodo rural, ausência de políticas agrícolas efetivas, declínio da produção agropecuária, dependência de alimentos externos, limitados investimentos públicos, catástrofes ambientais, entre outros.

Em Fond'oies, a partir dos dados de campo de 20 famílias, percebe-se que os agricultores detêm reduzidas áreas de terra (a maioria com menos de 2 hectares), obtidas majoritariamente via herança. Mesmo assim, possuem uma produção agropecuária diversificada, que tem como função principal o autoconsumo, com venda do excedente. Nesse contexto, a agricultura segue exercendo um papel econômico fundamental para a renda, respondendo por mais da metade dos ingressos de todas as famílias, ainda que a maioria concilie essa fonte com outras modalidades (renda não agrícola, trabalho agrícola em outros estabelecimentos e recebimento de ajudas financeiras de familiares que vivem no exterior). Não obstante, trata-se de uma baixa renda que, somada às outras dificuldades anteriormente citadas, geram um elevado grau de insatisfação dos agricultores familiares com a atividade agropecuária e com o espaço rural. Ali, as perspectivas futuras, na visão dos entrevistados, são desanimadoras diante da situação cotidiana em que vivem.

Para a transformação desta realidade, além de iniciativas locais de cooperação e articulação que possam amenizar tal situação, é indispensável a instituição de políticas públicas de desenvolvimento rural integral, que mobilizem diferentes instrumentos (acesso a serviços básicos, terra, crédito, assistência técnica, mercado e preço) com foco na melhoria das condições de vida dos agricultores familiares. Este grupo social enfrenta dificuldades tão profundas e enraizadas, e os seus desafios são tão intensos e evidentes, que a sua importância e relevância acabam ficando limitadas e enfraquecidas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) pelo apoio via Editais n. 105/2020/PRPPG e 77/2022/PRPPG.

REFERÊNCIAS

- ACEVEDO OSORIO, Á.; MARTÍNEZ COLLAZOS, J. (org.). *La agricultura familiar en Colombia*. Bogotá: Fondo Editorial; Ediciones Universidad Cooperativa de Colombia; Corporación Universitaria Minuto de Dios; Agrosolidaria, 2016.
- ALTAFIN, I. *Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar*. 2007. Disponível em: <http://www.enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-de-agricultura-familiar---iara-altafin---2007.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.
- APF. Association des Paysans de Fondwa. *Plan de Développement de la Section Communale de Fond'oie*. Léogâne: Projet de renforcement des organisation locales en milieu rural & petites entreprises, 2018.
- BANCO MUNDIAL. *Data*. 2020. Disponível em: <https://data.worldbank.org/>. Acesso em: 28 out. 2020.
- BARTHÉLÉMY, G. Aux origines d'Haïti: "Africains" et paysans. *Outre-Mers. Revue D'Histoire*, t. 90, n. 340-341, p. 103-120, 2003.
- BEAUCEJOUR, P. J. *L'agriculture en Haïti*. Port-au-Prince: Université d'État d'Haïti, 2016.
- BELLANDE, A. *Productivité et durabilité de l'agriculture de montagne en Haïti*. Port-au-Prince: Ministère de l'Environnement Programme des Nations – Unies pour le Développement. 2010.
- BELLEGARDE, D. L. *L'Occupation Américaine d'Haïti – Ses conséquences morales et économiques*. Port-au-Prince: Les Éditions Fardin, 1929 [2013].

- BERDEGUÉ, J.; ROJAS, F. *La agricultura familiar en Chile*. Chile, 2014. p. 1-42. (Serie Documento de Trabajo, n. 152).
- BERTRAND, T. *Haiti – Agriculture: Renforcer l'agriculture familiale par l'implication des jeunes*. 2014. Disponível em: <https://hpnhaiti.com/site/index.php/economie/14167-%20haiti-agriculture-renforcer-la-agriculture-familiale-par-limplication-des-%20jeunes?format=pdf>. Acesso em: 24 fev. 2019.
- CARMAGNANI, M. La agricultura familiar en América Latina. *Problemas del Desarrollo*, v. 39, n. 153, p. 11-56, 2008.
- CASTRO, L. F. P. Agricultura familiar na América Latina: a difusão do conceito e a construção de sujeitos políticos. *Revista Brasileira de Sociologia do Direito*, v. 3, n. 2, p. 73-97, 2016.
- DAMÉUS, A.; FRANÇOIS, J. R. Contribution de l'agriculture et des ressources de revenus non agricoles à la sécurité alimentaire des exploitations agricoles familiales d'Haïti: Cas de la Commune de Jean-Rabelle. *Haïti Perspectives*, v. 5, n. 4, p. 13-24, 2017.
- EGUREN, F.; PINTADO, M. *Contribución de la agricultura familiar al sector agropecuario en el Perú*. Lima: Cepes, 2015.
- EYZAGUIRRE, J. L. *Importancia Socieconomica de la agricultura familiar en Bolivia*. La Paz: Fundación Tierra, 2015.
- FAO. Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura. *The State of Food and Agriculture: Innovation in family farming*. Roma: FAO, 2014.
- FIDA. Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola. (2008). *Ouvrer pour que les populations rurales pauvres se libèrent de la pauvreté en Haiti*. Disponível em: https://www.ifad.org/documents/38714170/39972349/Enabling+the+rural+poor+to+ov%20ercome+poverty+in+Haiti_F.pdf/5ee24441-1a4e-40a9-ab89-cbf9cc10f5fc. Acesso em: 7 ago. 2020.
- FIDA. Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola. *Enabling the rural poor to overcome poverty in Haiti*. 2013. Disponível em: <https://www.ifad.org/fr/web/operations/country/id/haiti> Acesso em: 22 maio 2020.
- FRANÇA, C.; DEL GROSSI, M. D.; MARQUES, V. *Agricultura familiar no Brasil e o Censo Agropecuário 2006*. Brasília: MDA. 2009.
- IHSI. Instituto Haitiano de Estatística e Informática. *Recensement Général de la Population et de l'habitat*. 2019. Disponível em: www.ihsi.ht. Acesso em: 28 fev. 2020.
- JEAN, V. et al. *Pour une politique publique agricole pertinente en Haïti*. 2017. Disponível em: http://www.pfhs.ch/nouv/nov2_17/17.10.11%20De%20B4claration-en-faveur%20agriculture-paysanne.pdf. Acesso em: 4 jun. 2019.
- JOINT, A. L. Système éducatif et inégalités sociales en Haiti. Le cas des écoles catholiques. *Recherches et Ressources en Education et Formation*, n. 2, p. 18-24, 2008.
- LAROSE, S.; VOLTAIRE, F. Structure agraire et tenure foncière en Haiti. *Anthropologie et Sociétés*, v. 8, n. 2, p. 65-85, 1984.
- LE MONITEUR. *Sous pression, Jovenel Moïse augmente le salaire minimum*. 2019. Disponível em: <https://www.loophaiti.com/content/sous-pression-le-president-jovenel-%20moise-augmente-le-salaire-minimum> Acesso em: 11 abr. 2020.
- LEPORATI, M. et al. La agricultura familiar en cifras. In: FAO. *Agricultura Familiar en América Latina y el Caribe: recomendaciones de política*. Santiago: FAO, 2014. p. 35-56.
- MALETTA, H. *Tendencias y perspectivas de la agricultura familiar en América Latina*. Santiago: Rimisp, 2011. (Documento de Trabajo, n. 1).
- MARNDR. Ministério da Agricultura, Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural. *Synthèse National des Resultats du Recensement Général de l'agriculture (RGA) 2008/2009*. 2011a. Disponível em: http://agriculture.gouv.ht/view/01/IMG/pdf/Resultats_RGA_National_05-11-12.pdf. Acesso em: 13 maio 2019.
- MARNDR. Ministério da Agricultura, Recursos Naturais e Desenvolvimento Rural. *Évolution récente de l'état d'insécurité alimentaire*. 2011b. Disponível em: <http://agriculture.gouv.ht/view/01/?-Securite-Ali-mentaire,58->. Acesso em: 13 maio 2019.
- MERVIL, R. *Diagnóstico de la tenencia de la tierra rural en Haïti*. 2014. Tesis (Doutoramento) – Universidad de Chile, Santiago, 2014.
- PAUL, B.; DAMÉUS, A.; GARRABE, M. Le processus de tertiarisation de l'économie haïtienne. *Études caribéennes*, n. 16, 2010.
- PAZ, R. G.; JARA, C. E. Censos y registros de la agricultura familiar en Argentina: esfuerzos para su cuantificación. *Eutopía. Revista de Desarrollo Económico Territorial*, n. 6, p. 75-91. 2014.

PIERRE, J. F. Caracterização socioeconômica e práticas produtivas da agricultura familiar em Petite Rivière de Bayonnais, Haiti. *Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar*, v. 5, n. 2, p. 120-143, 2019.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Ranking IDH Global 2014*. 2015. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>. Acesso em: 13 out. 2020.

PNUMA/UNEP. *Haiti-República Dominicana: desafios ambientales en la zona fronteriza*. 2013. Disponível em: https://postconflict.unep.ch/publications/UNEP_Haiti-DomRep_border_zone_SP.pdf. Acesso em: 26 abr. 2020.

RIQUELME, Q. *Agricultura familiar campesina en el Paraguay: notas preliminares para su caracterización y propuestas de desarrollo rural*. Asunción: Cadep. 2016.

SALCEDO, S.; GUZMÁN, L. (ed.). *Agricultura familiar en América Latina y el Caribe*. Santiago: FAO, 2014.

SCHNEIDER, Sergio; CASSOL, Abel. Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil e algumas implicações para políticas públicas. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, v. 31, n. 2, p. 227-263, 2014.

SCHNEIDER, S. A presença e as potencialidades da agricultura familiar na América Latina e no Caribe. *Redes: Revista do Desenvolvimento Regional*, v. 21, n. 3, p. 11-43, 2016.

TEMPLE, L. et al. Les conditions socio-économiques de l'innovation agro-écologique pour la sécurisation alimentaire dans les jardins agroforestier en Haiti. *Field Actions Science Reports*, n. 9, 2013.

VLIET, G. V. et al. *Une étude exhaustive et stratégique du secteur agricole/rural haïtien et des investissements publics requis pour développement*. Montpellier: Cirad. 2016.

Autor correspondente:

Valdemar João Wesz Junior

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila)

AC Parque Tecnológico Itaipu, 6731, Bloco 6, Espaço 4 – Conjunto B – CEP 85867-970 – Foz do Iguaçu/PR, Brasil

E-mail: jwesz@yahoo.com.br

Todo conteúdo da Revista Desenvolvimento em Questão
está sob Licença Creative Commons CC – By 4.0.